

Mulheres na fronteira Brasil – Bolívia: primeiros resultados*

Roberta Guimarães Peres*
Prof. Dr. Sylvain Souchaud*
Profª Drª Rosana Baeninger*

Palavras-chave: migração internacional – gênero – Corumbá – Brasil – Bolívia

Resumo

A migração internacional de brasileiros já se apresenta como um fenômeno relevante, complexo e multifacetado da população há mais de 50 anos. Diversos não somente em pontos de origem e destino, mas também em motivações, trajetórias e estratégias, esses fluxos chamam a atenção pela complexidade e volume da circulação de pessoas e capitais, bem como pelos impactos nos espaços migratórios.

A fronteira Brasil – Bolívia abriga um movimento intenso entre os dois países, em diversas ondas migratórias de diferentes intensidades ao longo de 50 anos. Neste contexto, surge o tema da migração feminina e seus diferenciais em todos os aspectos do fenômeno. Baseado numa pesquisa de campo realizada em Corumbá no fim de 2006, em parceria entre o NEPO e o IRD – França, este trabalho se propõe a um olhar atencioso sobre as mulheres envolvidas neste fluxo migratório.

* Trabalho apresentado no XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, realizado em Caxambu- MG – Brasil, de 29 de setembro a 03 de outubro de 2008.

* Doutoranda em Demografia pela Universidade Estadual de Campinas – IFCH/NEPO.

* IRD – França. Pesquisador colaborador do NEPO/ UNICAMP, coordenador da pesquisa de campo realizada em Corumbá – MS, 2006.

* Departamento de Demografia – IFCH e Núcleo de Estudos de População – NEPO/ UNICAMP.

Mulheres na fronteira Brasil – Bolívia: primeiros resultados *

Roberta Guimarães Peres⁺
Prof^a Dr^a Rosana Baeninger[♦]
Prof. Dr. Sylvain Souchaud[♦]

Introdução

Este trabalho tem como objetivo principal pontuar questões relevantes ao estudo da migração internacional na fronteira Brasil – Bolívia, tendo como ponto essencial de partida a análise dos primeiros resultados da pesquisa de campo realizada em Corumbá entre outubro e novembro de 2006. Dentro do contexto mais amplo dessas trocas migratórias na fronteira, nos dedicamos à questão da migração feminina e todas as especificidades surgidas dessa perspectiva de análise.

Desta forma, buscamos apresentar os primeiros resultados relativos à presença dos bolivianos no município de Corumbá – MS, bem como algumas das principais características deste fluxo migratório tão dinâmico na fronteira brasileira. Para isso, destacamos especificidades que fazem de Corumbá – MS uma localidade receptora de diversos fluxos de origem boliviana, acolhendo em diferentes épocas ondas migratórias diversas e bem definidas.

Como pano de fundo dessa análise, está a questão da migração feminina. Em diversos fluxos migratórios – incluindo o de brasileiros para os Estados Unidos, o mais volumoso da nossa história – já foram tratadas questões de gênero como perspectiva para incrementar a análise do fenômeno e buscar outras justificativas e explicações que não se resumam a questões econômicas e cálculos racionais de migrantes que, através de decisões individuais, partem em busca de melhores salários num país estrangeiro (Assis, 2004; Peres, 2006).

A perspectiva do gênero surge como importante aporte teórico das migrações internacionais, porque revela questões latentes que por muito tempo foram deixadas de lado em função de uma análise voltada exclusivamente para os aspectos econômicos da migração internacional. Dessa forma, o migrante era definido como homem, sem que se questionasse a presença das mulheres em fluxos migratórios, e, a partir dessa presença, quais seriam os diferenciais e impactos causados pelo volume de mulheres que circulavam em espaços migratórios que eram definidos a princípio como masculinos.

* Trabalho apresentado no XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, realizado em Caxambu- MG – Brasil, de 29 de setembro a 03 de outubro de 2008.

⁺ Doutoranda em Demografia pela Universidade Estadual de Campinas – IFCH/NEPO.

[♦] Departamento de Demografia – IFCH e Núcleo de Estudos de População – NEPO/ UNICAMP.

[♦] IRD – França. Pesquisador colaborador do NEPO/ UNICAMP. Coordenador da pesquisa de campo realizada em Corumbá, 2006.

O artigo está organizado da seguinte forma: as especificidades que fazem de Corumbá – MS um lugar receptor de migrantes bolivianos, a questão da migração feminina como perspectiva de análise da migração internacional, descrição da pesquisa de campo realizada em Corumbá – MS em 2006, apresentação de resultados preliminares que têm guiado uma análise mais ampla do fenômeno e, por fim, considerações e desafios futuros.

Corumbá – MS: as especificidades de um lugar receptor de migrantes na fronteira

Domenach (2007) define em linhas gerais a configuração do contexto migratório atual no Mercosul:

“En el MERCOSUL, lo cierto es que la movilidad va en aumento, y los movimientos de población están siendo muy flexibles, mientras que las estadísticas oficiales persisten en subestimar los datos reales pues hacen referencia a una definición restrictiva de la migración, basada solamente en el cambio de residencia. Asistimos a una intensa recomposición de los territorios y de sus costumbres, lo que tiene fuertes incidencias en materia migratoria puesto que los hombres dependen cada vez más de los mecanismos de producción.”

A “intensa recomposição dos territórios e de seus costumes” parece estar diretamente ligada à história migratória da América Latina, já que o fluxo Bolívia – Argentina de que trata Domenach (2007) e também o fluxo Bolívia – Brasil são dinâmicos e ao longo de suas histórias se estenderam por lugares específicos de origem e destino, de modo a transformar os espaços em diferentes dimensões – sociais, demográficas, econômicas.

No caso específico do fluxo Bolívia – Brasil, Corumbá – MS reúne em si algumas características importantes que a fazem uma cidade chave na análise das trocas migratórias nesta fronteira. Segundo Oliveira (1998), “Corumbá é diferente por sua história, por sua geografia e por sua economia”. Num estudo comparativo entre cidades do Mato Grosso do Sul, Oliveira (1998) enumera múltiplas razões que diferenciam Corumbá e lhe atribuem especificidades que justificam sua condição de receptora de migrantes num fluxo que comporta correntes migratórias diferentes ao longo de 50 anos.

Oliveira (1998) situa essas especificidades em duas dimensões distintas: campo e cidade. Com relação à primeira estão as relações servis que ainda persistem nas fazendas da região, que segundo o autor sustentam uma “estrutura letárgica: o campo parou no tempo”. Com relação à “cidade”, há, segundo Oliveira, uma “extravagante dicotomia”:

“O superfluxo de mercadorias e de transeuntes não sustenta vis-à-vis um fluxo de investimentos. Ao contrário: o fluxo de mercadorias e pessoas sustentado pelo comércio de fronteira e pelo turismo não tem respeitado uma colateralidade de reinvestimentos nos objetos humanos, resultando numa degradação maior da cidade e de suas ligações” (Oliveira, 1998: 41).

Há uma outra particularidade da cidade de Corumbá no que se refere ao seu papel no fluxo migratório de bolivianos: localizada a 400km de Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul, e a apenas 5km de Puerto Quijarro – cidade fronteiriça boliviana, Corumbá mantém relações econômicas muito mais estreitas com a Bolívia do que com o Brasil. Esse é um traço que irá, ao longo da história migratória desta fronteira, alimentar em diferentes intensidades ondas de migrantes bolivianos. Essa proximidade – óbvia se pensarmos que se trata de região de fronteira, mas muito complexa se nos aprofundarmos nas relações intra-

regionais – também se refletirá nos processos migratórios como veremos mais adiante na análise de trajetórias: os migrantes bolivianos, antes de atravessarem a fronteira com o Brasil, protagonizam uma intensa migração interna na Bolívia. Isso também aponta para o fato de Corumbá – MS poder ser considerada etapa de um processo migratório essencialmente boliviano, e não brasileiro.

Uma consideração se faz importante: “contempla-se a migração internacional nas áreas de fronteiras como uma migração de vizinhança: fenômeno essencialmente local, onde a fronteira e seus moradores são considerados isolados das dinâmicas continentais” (Souchaud e Baeninger, 2008). Ainda que os 200 km de fronteira Corumbá – MS com a Bolívia possam ser considerados isolados da dinâmica do próprio Mato Grosso do Sul, o papel de Corumbá na dinâmica migratória boliviana a coloca numa outra posição que não a “migração de vizinhança” tão comum em áreas fronteiriças.

Por fim, além dessa relação estreita com processos econômicos e do importante papel na dinâmica migratória da Bolívia, Corumbá apresenta ainda uma outra especificidade: “a cidade é um lugar estratégico de articulação dos fluxos de bens, pessoas e informações, configurando o denominado corredor bi-oceânico. Esse corredor agrega as duas margens litorâneas do continente, isto é, o sudeste brasileiro com os portos peruanos e chilenos do Pacífico, passando pelo eixo de concentração do povoamento boliviano Santa Cruz – Cochabamba – La Paz” (Souchaud e Baeninger, 2008:5).

Dessa perspectiva, não podemos afirmar que a migração na fronteira Corumbá – MS com a Bolívia se dê em termos do que já se estudou, por exemplo, no caso dos *brasiguaios* ou ainda de outros fluxos migratórios internacionais brasileiros, caracterizados por grandes distâncias. Para aprofundarmos a análise desse fenômeno, partiremos da questão da migração feminina, suas implicações, impactos e novas explicações no âmbito da migração internacional.

A questão da migração feminina: retirando as mulheres da invisibilidade

Fluxos migratórios cada vez mais dinâmicos e complexos têm exigido de pesquisadores novas perspectivas de análise que dêem conta de explicar as recentes faces desses fenômenos. Dentre essas novas perspectivas de análise, a globalização, por exemplo, há quase 3 décadas, ganha espaço como importante contexto de favorecimento e facilitação da circulação de pessoas e capitais.

A superação de teorias economicistas formam em grande parte o respaldo para a formação de novos aportes teóricos na migração internacional. Dentre as transformações que levaram ao debate atual desses novos conceitos e teorias, a entrada das mulheres em fluxos migratórios internacionais é uma das mais significativas (Chant, 1992; Oso, 1998; Kofman, 1999; Morokvasic, 2003).

É preciso reconhecer, no entanto, que “as mulheres sempre migraram” (Engle, 2004). O foco das análises até o fim dos anos 70, centrado na figura do migrante definido como do sexo masculino, tornaram invisíveis os diferenciais migratórios existentes entre homens e mulheres ao longo de todo o processo. Frente à globalização e tantas transformações sociais em países de origem e destino, não há mais motivos para se acreditar que os homens são protagonistas desse processo enquanto que as mulheres podem ser definidas simplesmente como acompanhantes. As mudanças provocadas pela globalização em papéis hierárquicos de

gênero e em estruturas sociais (Ianni, 1992) – como os domicílios – são o principal sustento para uma mudança de foco nas análises.

O início desse ajuste no foco das análises de fluxos migratórios internacionais foi o olhar exclusivo às mulheres migrantes. A incorporação das mulheres nesses movimentos, num primeiro momento, se resumia a defini-las como agentes em equidade dos processos migratórios. A esta fase inicial de construção de um aporte teórico, chamou-se “teoria compensatória” (Oso, 1998; Hondagneu – Sotelo, 2003).

O primeiro desafio enfrentado pelos pesquisadores que passaram a encarar as mulheres como agentes de equidade na migração foi a falta de dados oficiais desagregados por sexo. Segundo Faist (2000), dados sobre migração não eram desagregados por sexo em muitas das fontes oficiais de dados de países receptores, especialmente os Estados Unidos, até o fim da década de 60 e este é justamente o principal indício de como as mulheres foram colocadas na invisibilidade ao longo da história migratória do país. O número de estudos de caso realizados neste período caracterizado como o desenvolvimento da “teoria compensatória” também é um reflexo dessa dificuldade.

O principal traço desses primeiros estudos era a utilização do termo “gênero” nas análises. O emprego do termo, no entanto, não era adequado, segundo muitos autores (Chant, 1992, Kofman, 1999, Boyd & Grieco, 2003; Pessar, 1999). A substituição do termo “gênero” por “mulher” foi muito comum neste período. Ainda que a análise de gênero não tenha sido realmente desenvolvida neste período, foi nele em que se definiu o termo “gendering migration” para conceituar a nova perspectiva de análise que se anunciava (Boyd, 2003). A tradução do termo deixa sempre a desejar em seu significado original. Uma “análise atravessada por gênero” sugere um desvio. Talvez a melhor tradução seja realmente a migração analisada sob a perspectiva de gênero, não apenas traduzindo este último termo por “mulher”. A crítica dos pesquisadores a estes primeiros trabalhos da “teoria compensatória” define a diferença entre as duas perspectivas. Segundo Morokvasic (2003: 111),

“a migração analisada sob a perspectiva de gênero (gendering migration) não significa apenas acrescentar as mulheres onde elas não estavam. Significa olhar para os processos e discursos nas migrações envolvendo mulheres e homens e suas relações entre si no domicílio, na comunidade local e nas relações internacionais”

A crítica alcança inclusive o que Morokvasic (2003) chama de “nova geração de pesquisas que ultrapassaram os limites da teoria compensatória”. Segundo ela, mesmo até meados da década de 90, os estudos sobre migração e gênero, se olhados com atenção, poderiam sofrer a substituição do termo gênero por “mulher”, sem perda nos resultados das análises.

É importante admitir, no entanto, que ainda que a teoria compensatória não tenha dado conta de explicar a migração sob a perspectiva de gênero, foram esses trabalhos os responsáveis por tirar da invisibilidade as mulheres dos fluxos migratórios, superando dificuldades como a falta de dados oficiais sobre migração desagregados por sexo nos principais países receptores.

Gênero e Migração internacional: uma construção social

Segundo Boyd & Grieco (2003), gradualmente, o gênero visto como variável foi aparecendo em um número cada vez maior de pesquisas. Não se questionava, no entanto, os

modelos utilizados para explicar por que as pessoas migravam, para onde foram, como se integraram à sociedade receptora. Há diferenças entre homens e mulheres em todas essas dimensões, bem como papéis específicos, que o gênero visto como “variável” não explica.

As teorias feministas, ao longo dos anos 90, contribuíram pressionando por trazer o gênero ao primeiro plano das análises migratórias. A principal contribuição deste período foi o esclarecimento do gênero como socialmente construído, dinâmico e raiz de comportamentos, relações hierárquicas de poder, cultura, identidades (Boyd & Grieco, 2003; Pessar, 2003). Dessa forma, era superada a perspectiva de decisões individuais de migrar – essencialmente do sexo masculino – e, posteriormente, da teoria compensatória que incorporava mulheres nos movimentos migratórios sem que se pudesse chamar essa análise de “gendering migration”. Isso porque, ao longo deste período, a preocupação maior dos pesquisadores era justamente compensar essa invisibilidade das mulheres em fluxos migratórios através de estudos de caso que se preocuparam apenas com o comportamento das mulheres ao longo da migração. Esse tipo de análise é pré-requisito para a construção de uma perspectiva de gênero (Harzig, 2003). No entanto, as relações de gênero socialmente construídas não eram explicadas por essa perspectiva teórica.

Outro importante aspecto da teoria feminista que contribuiu para a construção de uma perspectiva analítica da migração através do gênero é de que essa “construção social” - que se constitui em expressões de masculinidade e feminilidade e suas relações entre si – variam entre as sociedades. Desta forma, ao longo de um movimento migratório, as relações de gênero socialmente construídas se reafirmam ou se transformam, o que significa que ao mesmo tempo elas se constroem e se reconstróem socialmente através do tempo e do espaço (Boyd & Grieco, 2003).

Em especial no fluxo existente na fronteira Brasil – Bolívia, na cidade de Corumbá, a questão do gênero se faz fundamental: os diferenciais por sexo são latentes desde o planejamento migratório e as estratégias utilizadas. Os impactos desses diferenciais apontam para transformações no âmbito das famílias migrantes e na configuração do próprio fluxo já nos resultados preliminares da pesquisa realizada em Corumbá – MS.

A pesquisa de campo em Corumbá – MS

Inserida num amplo projeto de pesquisa intitulado “Espaços migratórios e a problemática ambiental no MERCOSUL” em associação entre o NEPO e o IRD – França, a pesquisa ENCOR (Encuesta Corumbá) foi realizada no município em outubro de 2006, com o objetivo principal de (re)construir o espaço migratório existente na fronteira entre Brasil e Bolívia naquela região.

A partir da seleção de domicílios onde pelo menos um dos chefes fosse nascido na Bolívia, foram levantados dados sobre as condições de moradia e a caracterização sócio-demográfica dos residentes desses domicílios, tendo como foco principal a reconstrução das trajetórias desses migrantes, em âmbito individual e relacionado a redes sociais de parentesco e amizade. Desta forma,

“o questionário da pesquisa foi aplicado de acordo com o método ‘bola de neve’ junto a 215 domicílios, nos quais pelo menos um chefe tenha nascido na Bolívia. Não se trata, por conseguinte, de uma amostra representativa da migração boliviana em Corumbá e ainda menos no Brasil” (Souchaud & Fusco, 2007).

No caso da ENCOR, a expansão da amostra não era o objetivo principal. O que se procurava era traçar um perfil consistente desses migrantes bolivianos, bem como de suas trajetórias, a fim de entender o papel de Corumbá – MS nesse fluxo migratório, as relações que os migrantes mantêm com este espaço definido e com outros que surgiram a partir dos resultados da pesquisa.

Em busca de um incremento e otimização do questionário, foram inseridas questões sobre as condições físicas dos domicílios entrevistados, informações sócio-demográfica sobre todos os residentes e ainda sobre a família estendida (pais, irmãos, filhos, outros parentes) e amigos não residentes no domicílio. Desta forma, obtivemos um panorama muito mais amplo do que aquele que se encerraria entre os residentes dos domicílios entrevistados e ainda foi possível captar a história migratória de diversas gerações em tempos e espaços distintos.

Uma especificidade do questionário da ENCOR era um módulo exclusivo para os bolivianos: a reconstrução do maior número de etapas migratórias antes da chegada a Corumbá – MS acabou revelando uma migração interna muito intensa na Bolívia, antes da travessia da fronteira rumo ao Brasil, como veremos mais adiante. Daí pode-se detectar a presença de ondas migratórias diversas, que variaram no tempo e nos espaços de origem e destino em 50 anos de fluxo.

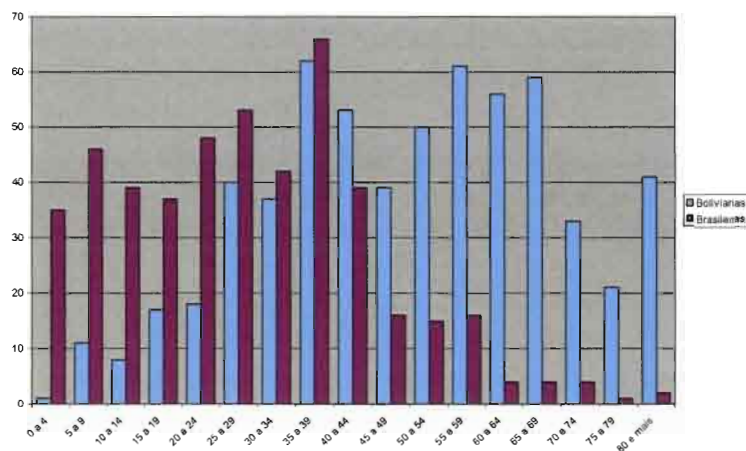
Algumas particularidades da pesquisa, no entanto, devem ser ressaltadas, principalmente se inseridas no âmbito da análise de gênero: a possibilidade de dissociação dos dados, a reconstrução das trajetórias migratórias de homens e mulheres, as informações sobre estratégias para migrar e o uso diferenciado de redes sociais são campos importantes de investigação sobre os diferenciais por sexo na migração.

Os resultados apresentados a seguir se referem justamente a estas particularidades mencionadas acima, tão valiosas para estudos de migração feminina. Resultados preliminares iluminam a emergência deste tipo de estudo, ao mesmo tempo em que encaminham a pesquisa para desafios futuros.

Resultados preliminares da Encuesta Corumbá (ENCOR)

Os resultados que apresentaremos a seguir são frutos da pesquisa de campo realizada em Corumbá que descrevemos acima. Ainda que preliminares, a idéia deste trabalho é reunir dados relevantes que certamente servirão como vetores de orientação para investigações em longo prazo. Apresentaremos, então, um perfil sócio-demográfico geral das mulheres bolivianas em Corumbá, suas trajetórias migratórias e as estratégias utilizadas por elas desde o planejamento da viagem, até os primeiros contatos no destino. O Gráfico 1 a seguir mostra as mulheres entrevistadas na pesquisa, segundo grupos etários.

Gráfico 1: Distribuição das mulheres bolivianas e brasileiras segundo grupos etários



Fonte: Encuesta Corumbá, 2006. NEPO/IRD.

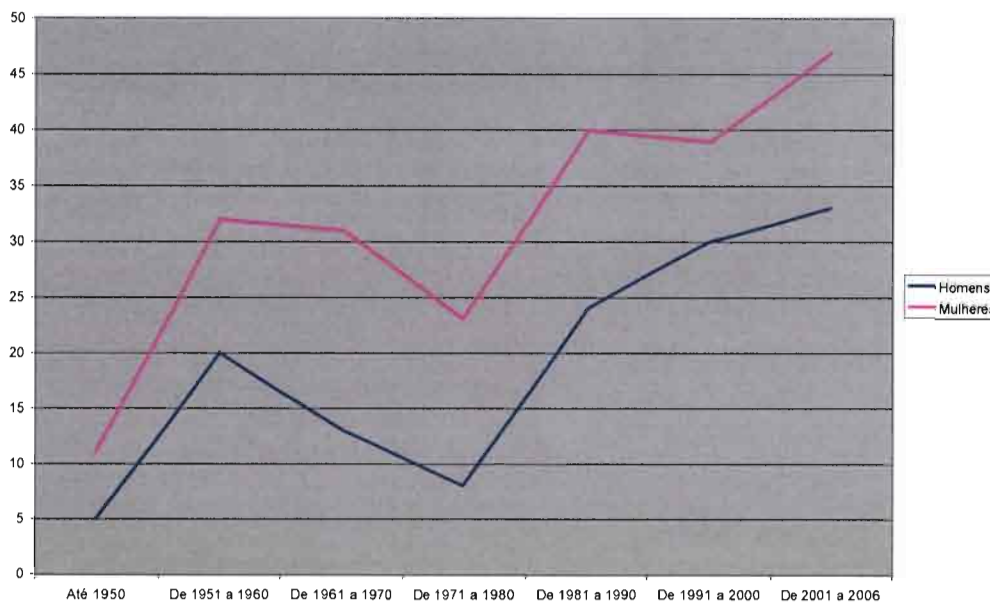
Foram levantadas informações sobre 1157 mulheres² nesta pesquisa de campo, sendo que destas, 676 são bolivianas, 470 são brasileiras e as 12 restantes são de outros países da América Latina. A título de uma melhor visualização desses dados, levaremos em conta apenas os dados sobre bolivianos e brasileiros.

De acordo com o Gráfico 1, notamos uma distribuição maior entre as mulheres bolivianas ao longo dos grupos etários. Uma questão muito importante que permeia o Gráfico 1 acima é a questão da segunda geração de migrantes: é importante lembrar que as mulheres brasileiras entrevistadas nesta pesquisa de campo residem em domicílios onde pelo menos um dos chefes é boliviano. Ora, se é assim, fica clara então a onda da formação de uma segunda geração de migrantes, filhos das mulheres bolivianas concentradas no gráfico principalmente em grupos etários a partir dos 50 anos.

A questão da segunda geração, como ela assimila diferenças entre lugares de origem e destino da trajetória migratória familiar, sua inserção na sociedade receptora, entre outras questões, estão na agenda principal de pesquisa deste projeto. Sem dúvida, dada a distribuição das mulheres através dos grupos etários vista no Gráfico 1, a segunda geração se torna uma questão muito importante dentro da migração internacional na fronteira Corumbá – Bolívia, bem como para a questão da migração feminina.

² Incluindo-se as não-residentes.

Gráfico 2: Período de chegada dos bolivianos a Corumbá – MS



Fonte: Encuesta Corumbá, 2006. NEPO/ IRD.

Podemos observar no Gráfico 2 que é maior o volume de mulheres que chegam da Bolívia a Corumbá do que de homens. No entanto, o padrão do tempo desta migração tem algumas diferenças entre os sexos. A migração feminina se mantém alta, ainda que com leve queda, na década de 60, enquanto que a masculina experimenta um pico em meados da década de 50 em segue em declínio até os anos 70.

A migração feminina sofre uma queda muito mais acentuada nos anos 70, mas recupera-se ainda na mesma década e experimenta um incremento acentuado ao longo da década de 80, para voltar a crescer no fim dos anos 90. A variação do padrão masculino é mais suave, mas ainda assim, dinâmica e em ascensão.

Esta queda experimentada por ambos os sexos em meados da década de 70 é um dos desafios que se impõe para o desenvolvimento desta pesquisa, trazendo para o primeiro plano da agenda de investigação contextos sociais, econômicos, políticos e culturais de lugares de origem e destino neste período.

Uma das questões mais relevantes para análise da migração feminina são os papéis de gênero de cada um dos residentes no domicílio. Dessa forma, a condição na família e no domicílio são variáveis fundamentais para os diferenciais por sexo ao longo da trajetória migratória. Tão importantes quanto as informações retiradas do banco são também as mesmas variáveis em função da origem dos migrantes: que papéis desempenhavam homens e mulheres antes de migrar? Essas são questões que poderão ser respondidas numa volta a campo em Corumbá – MS, para entrevistas qualitativas, prevista para o segundo semestre de 2008. A (re)configuração familiar tem um papel fundamental ao apontar transformações em relações de poder e gênero nas esferas privadas (âmbito domiciliar e familiar) e públicas (referentes principalmente à entrada da mulher no mercado de trabalho do país de destino).

A Tabela 1 a seguir compara os papéis de homens e mulheres bolivianos no domicílio.

Tabela 1: Condição na família segundo o sexo.

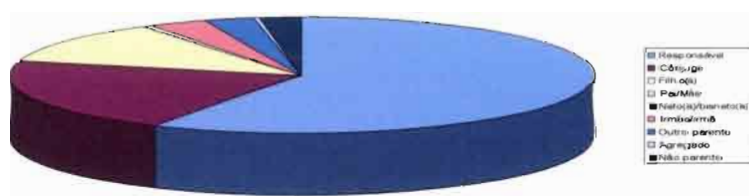
Relação com o chefe do domicílio	Masculino	Feminino	Total
	N	N	N
Responsável	73	134	207
Cônjuge	24	48	72
Filho(a)	23	27	50
Pai/Mãe	0	1	1
Neto(a)/bisneto(a)	1	0	1
Irmão/irmã	5	8	13
Outro parente	6	6	12
Agregado	0	1	1
Não parente	2	5	7
Total	134	230	364

Fonte: Encuesta Corumbá, 2006. NEPO/ IRD.

É importante notarmos o número de domicílios sob chefia feminina entre os bolivianos presentes em Corumbá – MS: 58,3% das mulheres entrevistadas são responsáveis pelo domicílio, enquanto que 54,5% dos homens representam este papel. Com relação ao total de responsáveis por domicílios entrevistados, 64,7% são mulheres. Da tabela acima podemos ainda elaborar a hipótese de que a tipologia das famílias bolivianas em Corumbá será formada substancialmente pelo arranjo “casal com filhos”, já que outras relações com o responsável apresentam frequências muito baixas.

O Gráfico 3 a seguir reforça a questão do papel das mulheres frente à condição no domicílio.

Gráfico 3: Condição no domicílio das mulheres bolivianas em Corumbá



Fonte: Encuesta Corumbá, 2006. NEPO/ IRD.

O papel das mulheres frente à chefia das famílias também é item fundamental para uma análise da migração internacional sob a perspectiva de gênero. Segundo Morokvasic (2003) a participação cada vez maior das mulheres em fluxos migratórios internacionais transforma a configuração das famílias, principalmente se os lugares de origem sustentarem regimes patriarcalistas. A entrada das mulheres no mercado de trabalho de países de destino também está profundamente ligada à essa transformação. A Tabela 2 a seguir mostra a distribuição por sexo da relação com o chefe da família dos bolivianos em Corumbá.

Tabela 2: Condição na família segundo o sexo.

Relação com o chefe da família	Masculino	Feminino	Total
	N	N	N
Responsável	78	138	216
Cônjuge	23	50	73
Filho(a)	21	28	49
Pai/Mãe	0	1	1
Neto(a)/bisneto(a)	1	0	1
Irmão/irmã	5	7	12
Outro parente	5	1	6
Agregado	0	1	1
Não parente	1	4	5
Total	134	230	364

Fonte: Encuesta Corumbá, 2006. NEPO/ IRD

A Tabela 2 acima reforça os dados vistos anteriormente na Tabela 1: 60,0% das mulheres bolivianas entrevistadas em Corumbá – MS são responsáveis pela família. Entre o total de responsáveis elas representam 63,9% das entrevistas.

As entrevistas qualitativas certamente contribuirão para uma contextualização desses dados no sentido das mudanças ocorridas ao longo do processo migratório. No entanto, é importante afirmar que, em comparação com os domicílios sem a presença boliviana que foram entrevistados na pesquisa de campo, a proporção de chefia da família entre as mulheres é de 10,1%. No entanto, é preciso atentar às informações do Gráfico 1 visto anteriormente, que mostra que a maior parte das brasileiras entrevistadas estavam concentradas em grupos etários mais jovens, tendo um peso proporcional maior, sobretudo, entre as que filhas de responsáveis pelos domicílios e famílias.

No contexto da configuração familiar, o status conjugal dos migrantes também tem grande importância para a análise de transformações de relações de gênero e papéis de cada indivíduo na hierarquia doméstica. De acordo com os dados da pesquisa de campo, as mulheres bolivianas e brasileiras têm o seguinte status conjugal:

Tabela 3: Status conjugal das mulheres, segundo país de nascimento

Status conjugal	Bolívia	Brasil	Total
	N	N	N
Solteiro(a)	44	139	183
Casado(a)	90	27	118
Unido(a)	28	14	42
Separado(a)	23	10	33
Viúvo(a)	35	6	41
Total	230	276	508

Fonte: Encuesta Corumbá, 2006. NEPO/ IRD.

De acordo com a tabela acima, 19.1% das mulheres bolivianas entrevistadas em Corumbá, segundo a pesquisa de campo, são solteiras, enquanto que 51.3% são casadas ou se encontram em uniões estáveis. O quadro entre as brasileiras carrega o diferencial de idade visto anteriormente: as mulheres brasileiras entrevistadas têm idade média menor que as bolivianas.

O questionamento que se faz mais importante diante deste dado é: em que momento da trajetória migratória essas mulheres se casaram? Migraram casadas? Casaram-se com bolivianos ou com brasileiros? No Brasil ou na Bolívia? Essa escolha tem relação com alguma etapa da trajetória?

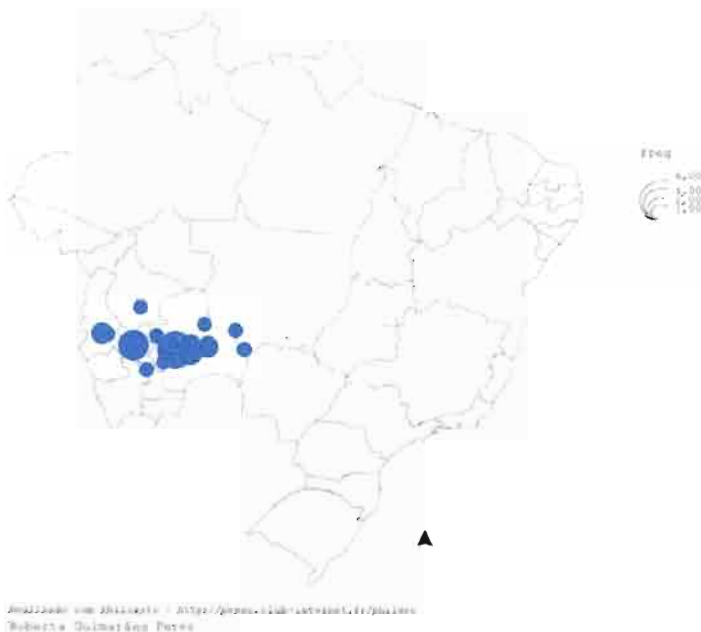
Essas são questões para investigações futuras que brotaram também dessa análise preliminar. No entanto, de acordo com os dados, 67.4% dessas mulheres que se encontram casadas ou em uniões estáveis atingiram esse status conjugal no Brasil, após a chegada a Corumbá. Com esse dado fica descartada a possibilidade do alto número de mulheres neste fluxo migratório impulsionado por questões ligadas à reconfiguração familiar, ou simplesmente da mulher num papel secundário de acompanhante.

Essas foram algumas das variáveis vistas nesse momento de configuração e desenho da pesquisa em longo prazo. Um dos principais vetores que diferenciam homens e mulheres ao longo de trajetórias migratórias são as estratégias utilizadas para a realização do processo, o que inclui a relação com os lugares que compõem o fluxo, a utilização desses espaços como recursos migratórios e ainda a relação do uso desses recursos com o ciclo de vida dos migrantes.

Um aspecto surpreendente resultante da pesquisa de campo realizada em Corumbá foi o movimento de migração interna pelo qual passam os migrantes bolivianos antes de atravessarem a fronteira. O mapa 1 a seguir mostra as mulheres bolivianas que residiam em Corumbá no momento da pesquisa em 3 etapas migratórias anteriores.

Mapa 1: Mulheres bolivianas residentes em Corumbá, em 3 etapas migratórias anteriores.

Corumbá menos 3



Fonte: Encuesta Corumbá, 2006. NEPO/ IRD.

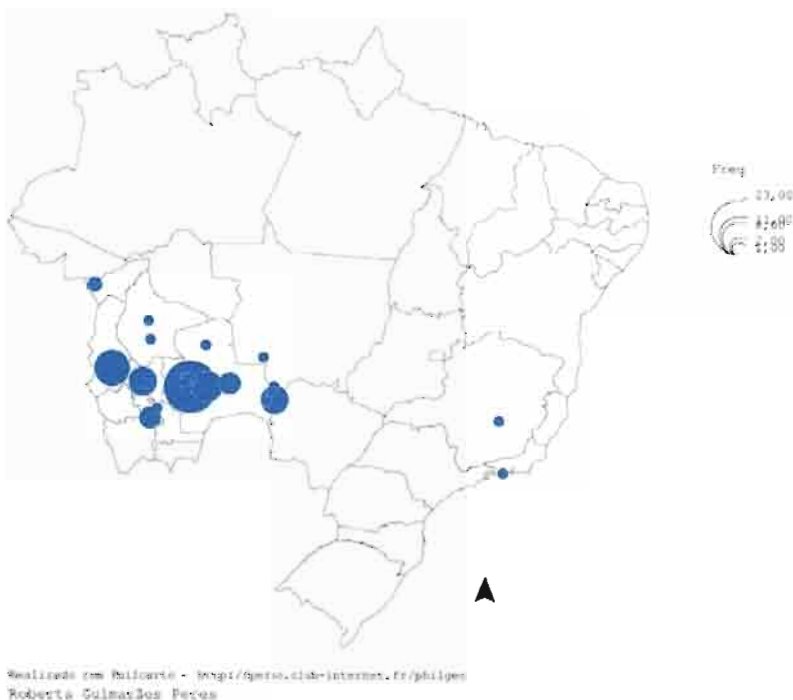
Uma das particularidades do questionário aplicado em Corumbá – MS está relacionado justamente às trajetórias: um histórico era recomposto pelo entrevistado no sentido inverso do próprio fluxo. Desta forma, partindo da chegada a Corumbá, os bolivianos iam recompondo suas trajetórias, etapa por etapa, da mais recente à mais antiga.

Assim chegamos às trajetórias reconstruídas desses migrantes, o que apontou para um caminho surpreendente: a forte migração interna antes do cruzamento da fronteira rumo a Corumbá. No Mapa 1 acima vemos que há, à exceção de duas concentrações em Santa Cruz e La Paz, uma dispersão relativamente longe da fronteira com o Brasil, espalhadas por vários departamentos bolivianos.

À medida que as etapas migratórias vão avançando, uma espécie de eixo é formado em direção à fronteira com o Brasil e, mais adiante, em direção a Corumbá. O Mapa 2 a seguir mostra as mesmas migrantes duas etapas antes de chegarem a Corumbá.

Mapa 2: Mulheres bolivianas residentes em Corumbá, em 2 etapas migratórias anteriores.

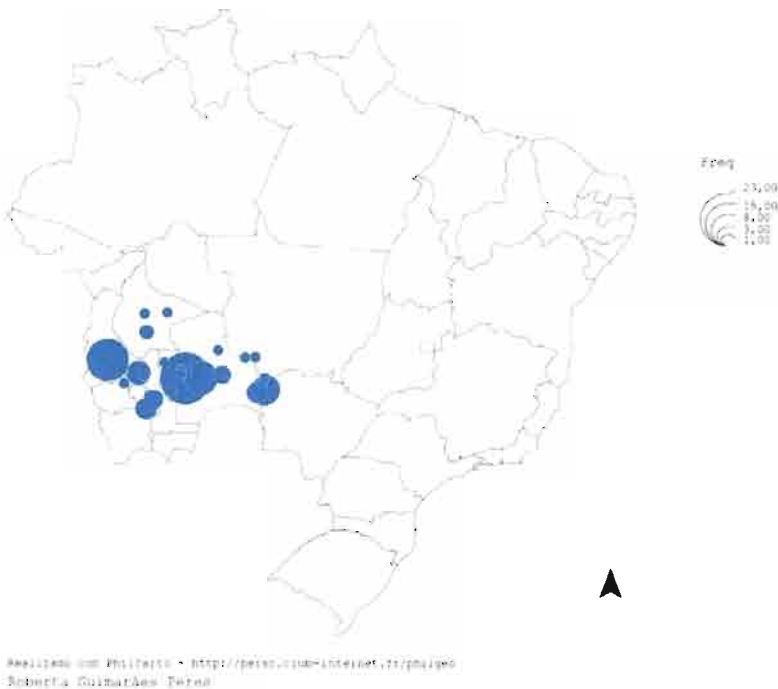
Corumbá menos 2



Fonte: Encuesta Corumbá, 2006. NEPO/ IRD.

É importante ressaltar que a cada etapa migratória aumenta o volume de mulheres, já que nem todas cumpriram o mesmo número de etapas. Assim, podemos observar no mapa acima uma concentração maior na fronteira, e, ao longo dos departamentos, uma certa convergência de outros pólos que se formaram. Muito importante também é observarmos a presença, ainda que num volume muito baixo, de migrantes bolivianos, a duas etapas da chegada a Corumbá, já em território brasileiro, em Minas Gerais e Rio de Janeiro. O Mapa 3 a seguir mostra a última etapa antes da chegada a Corumbá.

Mapa 3: Mulheres bolivianas residentes em Corumbá, em 1 etapa migratórias anterior.
Corumbá menos 1 (exceto município de nascimento)



Fonte: Encuesta Corumbá, 2006. NEPO/ IRD.

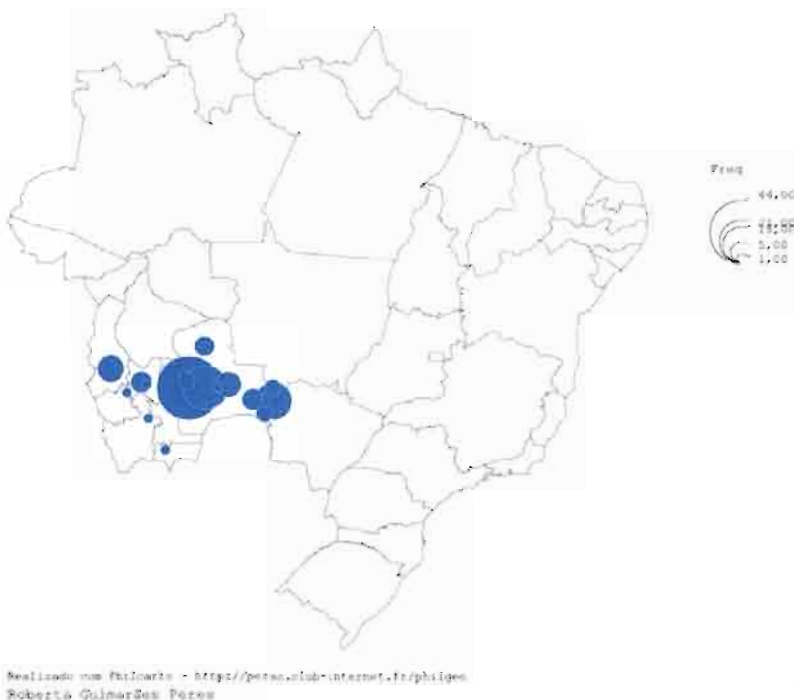
Uma possibilidade de análise das trajetórias permitida pelo banco de dados é a separação das etapas migratórias e do lugar de nascimento. Assim, estão ilustradas no Mapa 3 acima apenas as mulheres que passaram por uma etapa migratória que não tenha sido apenas Corumbá. Ou seja: elas passaram por esta etapa ilustrada acima, antes de chegarem ao destino final (no momento da pesquisa de campo).

Outros pólos de concentração surgem à medida em que a trajetória vai chegando ao final. Há um número maior de pessoas já concentradas em cidades fronteiriças, como Puerto Quijarro e Puerto Suarez e, ao mesmo tempo, a dispersão entre os departamentos bolivianos diminui.

Finalmente, o Mapa 4 mostra as migrantes que saíram do lugar de nascimento e, sem passar por qualquer etapa anterior, migraram para Corumbá – MS.

Mapa 4: Mulheres bolivianas residentes em Corumbá, segundo lugar de nascimento como única etapa migratória.

Município de Nascimento para Corumbá



Fonte: Encuesta Corumbá, 2006. NEPO/ IRD.

Entre as mulheres bolivianas que não cumpriram outra etapa migratória que o próprio lugar de nascimento, de acordo com o Mapa 4 acima, a distribuição é a esperada: concentração em lugares como Santa Cruz e La Paz, e também já na região de fronteira, afastando assim esse grupo da intensa migração interna em território boliviano antes da chegada a Corumbá.

Considerações finais

Muitas são as possibilidades de análise oferecida pelo banco de dados formado a partir da pesquisa de campo realizada em Corumbá – MS. Apresentamos aqui, no entanto, as primeiras tabulações que indicaram vetores e agendaram diversas análises futuras.

A migração de fronteira entre Bolívia e Brasil na região de Corumbá tem especificidades importantes como um espaço migratório independente. Isso significa que, em desacordo com o que pensávamos a princípio, Corumbá não é uma passagem de migrantes em direção a regiões metropolitanas brasileiras, especialmente São Paulo, que apresenta a maior concentração no país de migrantes bolivianos. Esses migrantes não estão inseridos nas trajetórias que vimos neste artigo e acreditamos que também não estejam inseridos na mesma rede. Corumbá faz parte de um processo migratório muito mais boliviano do que brasileiro, já que a migração interna na Bolívia é marca profunda de muitos dos migrantes residentes em Corumbá.

Neste contexto, a migração feminina surge como uma questão de aprofundamento da análise do fenômeno, com todas as especificidades e a bagagem que traz esse aporte teórico.

Este artigo é, na verdade, uma exposição de resultados preliminares e desafios para um futuro breve que já vem sendo enfrentado: a questão das redes sociais associadas às trajetórias migrantes, o uso diferenciado dessas redes por homens e mulheres, a configuração familiar, as transformações de papéis e relações de gênero e poder, a relação entre a entrada das mulheres no mercado de trabalho brasileiro e essas mudanças.

O aporte teórico que pretendemos usar adiante, além da migração feminina e da perspectiva de gênero, se apóia numa vertente abrangente: os “espaços de vida” (Picouet & Domenach, 1995), as relações dos migrantes com cada uma das espacialidades que compõem o fluxo, que recursos tiram desses lugares e qual o impacto dessas trajetórias no ciclo de vida dos migrantes.

Referências Bibliográficas

ASSIS, G. *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros*. Tese de doutorado em Ciências Sociais – UNICAMP, 2004.

BAENINGER, R. & SOUCHAUD, S. *Diferenciais da Imigração Boliviana em Corumbá: resultados da pesquisa de campo*. Seminário Internacional de Estudos Fronteiriços. UFMS – MS, 2008.

BOYD, M & GRIECO, E. *Women and Migration: Incorporating gender into international migration theory*. Migration Policy Institute. Washington, 2003.

DOMENACH, Hervé, PICOUET, Michel. *Les migrations*. Paris: Presses Universitaires de France, 1995

CHATTOPADHYAY, A. “Family migration and the economic status of women in Malaysia” *Gender and migration*. WILLIS, K; YEOH, B (Eds.), 2000 Oxford.

FAIST, T. *The volume and dynamics of international migration and transnational spaces*. Oxford Press, 2000.

GUILLEMAUT, F. *Trafics et migrations de femmes: une hypocrisie au service des pays riches*. *Hommes et Migrations*, nº 1248, 2004.

HONDAGNEU – Sotelo, P. *Gender and US Immigration*. *Contemporary Trends*. University of California, 2003.

HONDAGNEU-SOTELO, P. & AVILA, E. “I am here, but I am there”: The meanings of transnational motherhood. In: Hondagneu – Sotelo, P. *Gender and US Immigration*. *Contemporary Trends*. University of California, 2003.

IANNI, O *A Sociedade Global*. Editora Brasiliense, 1992.

MOROKVASIC, M. *La mobilité transnationale comme resource: le cas des migrants de l’Europe de l’Est*. *Cultures et Conflits*, 32 – 2003.

OSO, L. Women, the pioneers of migration chains: the case of Spain. "Working Party on Migration" Seminary, 1998

PHIZACKLEA, A One way ticket. Migration and female labour. Routledge & Kegan Paul. Londres, 1983.

SASSEN, S. Losing control? Sovereignty in an age of globalization. New York, 1996

SOUCHAUD, S. & FUSCO, W. Documentação da pesquisa de campo Encuesta Corumbá, 2007. www.nepo.unicamp.br

VERNEZ, G. Immigrant women in the US workforce. Who struggles? Who succeeds? Lexington Books, 1999